

# O PLANO PARA OS CREDORES

## Com um programa econômico de quatro anos, o governo quer atrair financiamentos externos.

Um programa de ajuste externo com metas para a economia durante os próximos quatro anos será apresentado dentro de 15 a 20 dias pelo governo brasileiro aos bancos credores e ao Banco Mundial (Bird), anunciou ontem o ministro da Fazenda, Dílson Funaro, após ter discutido o assunto com o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães.

O plano será apresentado depois de amplo debate interno e aprovação das lideranças do PMDB e do PFL, disse Funaro, esclarecendo que não se trata de um novo pacote, mas apenas da "definição de metas e diretrizes, das quais o Brasil não se afastará".

Entre outros pontos, o plano prevê necessidades entre US\$ 5 e US\$ 5,5 bilhões em "dinheiro novo", somente em 1987. Quanto à inflação, deverá estabilizar-se entre 10 e 12% nos próximos meses, caindo depois. Estabelece também que o crescimento é "inegociável".

A saída do encontro com Funaro, Ulysses Guimarães disse, no entanto, que havia discutido "as novas medidas econômicas" com o ministro, sem referir-se ao plano de

metas. O presidente da Constituinte disse que também tinha abordado as medidas durante encontro de mais de duas horas, ontem, com o presidente José Sarney. Acrescentou que continuará a analisar as mudanças neste final de semana, em São Paulo, com Funaro e o ministro do Planejamento, João Sayad, porque "serão adotadas o mais rápido possível".

Questionado sobre a divergência de informações, Funaro disse que não tinha discutido novas medidas econômicas com o presidente da Constituinte, "mas apenas a viagem ao Exterior e o Plano de Metas". Funaro também informou que ainda não tinha lido o Plano Sayad por falta de tempo, observando que a proposta do ministro do Planejamento "é de longo prazo e de ajuste interno, diferente do que iremos apresentar aos bancos".

O ministro da Fazenda salientou que o programa de ajuste em quatro anos não se prende a uma eventual intenção do presidente Sarney de completar seu governo em igual período. Funaro disse que o progra-

ma, será sempre revisto e acrescido de novas metas a cada ano.

Funaro explicou que a renegociação da dívida externa brasileira prosseguirá com base no programa a ser apresentado aos bancos. Comentou que ele dará mais tranquilidade para que o Brasil continue seu desenvolvimento, "especialmente se as negociações forem fechadas neste ano como o Brasil pretende".

Segundo o ministro, o principal motivo da recente viagem do presidente do Banco Central, Francisco Gros, aos Estados Unidos, foi informar alguns integrantes do comitê de assessoramento da dívida brasileira sobre o envio do programa de ajustes. Funaro informou que o comitê enviou telex ontem aos 700 bancos credores do Brasil, avisando sobre a breve apresentação do programa.

Funaro disse que Gros não esteve nos Estados Unidos para renegociar as linhas de empréstimos de curto prazo, cujo acordo termina no próximo dia 31. O ministro disse que a renovação ficou para a próxima semana e que ela, provavelmente, será acertada

por telefone. Disse também que a apresentação do programa de ajuste não está ligada à renovação de curto prazo.

### Quatro anos

Em longa entrevista coletiva, interrompida várias vezes para atender telefonemas e para receber o ministro da Ciência e Tecnologia, Renato Archer, o ministro da Fazenda revelou algumas das metas que deverão constar do programa de ajustes. Aqui estão algumas delas:

**Crescimento** — Nos próximos quatro anos o governo pretende administrar a economia para que ela apresente índices anuais de crescimento entre 5 e 7%, inclusive em 1987. Entretanto, internamente, técnicos do governo já admitem que o crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) este ano não deverá situar-se em 4%.

**Dinheiro Novo** — Para sustentar esse crescimento, o Brasil precisará, nos quatro anos, de novos financiamentos externos. Para 1987, Funaro revelou que o País precisará de entre US\$ 5 e US\$ 5,5 bilhões. O ministro não revelou quanto o País pretende obter em dinheiro novo nos outros três anos,

mas deu a indicação de que deverá ser menos do que este ano.

**Balança Comercial** — Aquela indicação é depreendida da meta de superávits que o programa apresentará nos próximos anos. A meta começará com US\$ 8 bilhões em 1987, crescendo gradativamente nos outros três anos.

**Exportação e Importação** — Os saldos crescentes da balança comercial resultarão do crescimento das exportações em ritmo maior do que o das importações. Mas para 1987, as importações deverão apresentar um crescimento de 10% e as importações de apenas 6%. Funaro explicou que isso deverá acontecer apenas em 1987.

**Inflação** — O ministro não disse qual a meta de inflação que o programa apresentará aos bancos, "porque eu não tenho bola de cristal e sempre que o governo estabelece uma meta de inflação anual, a economia trabalha com outra mais alta, pelo menos mais metade. Funaro revelou apenas que o governo trabalha com a estabilização da inflação entre 10 e 12% nos próximos meses, com um processo de declínio.

## Nova estratégia

O Brasil tentará usar as agências internacionais de crédito e fomento, particularmente o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Banco Mundial (Bird), como avalistas de seu programa econômico, de modo a dividir a autoridade do Fundo Monetário Internacional (FMI) sobre a questão. Prevalece a estratégia de dar um caráter mais político ao tratamento da dívida dos países em desenvolvimento, o que se tem mostrado difícil dentro dos limites exclusivos do FMI, onde predomina a visão econômico-financeira dos bancos privados, particularmente norte-americanos.

Essa estratégia, já deflagrada com a viagem do ministro da Fazenda, Dílson Funaro, em que ele procurou apenas autoridades governamentais — embora tenha tido contato com banqueiros privados —, terá prosseguimento no próximo sábado, quando o ministro do Planejamento, João Sayad, representará os interesses do Brasil, Argentina, México e Venezuela, na reunião dos países-membros do BID, em Miami, nos Estados Unidos.

Sayad foi escolhido representante desse grupo de países e seu discurso já está sendo preparado pela Secretaria de Cooperação Econômica e Técnica Internacional da Seplan, chefiada pelo embaixador Luís Felipe Lampreia. O ministro brasileiro do Planejamento defenderá a duplicação do orçamento do BID, para os próximos quatro anos, cuja aplicação atende aos projetos políticos do governo no sentido de priorizar o social, reduzindo a necessidade de financiamentos de outras fontes.

A escolha de Sayad para ser o porta-voz do grupo Brasil, Argentina, México e Venezuela foi resultado de uma longa negociação entre esses países e outros componentes do BID. Visa, também, a contrapor-se à iniciativa norte-americana de ampliar o poder de veto dos Estados Unidos às aplicações do banco, o que estaria sendo negociado com Canadá e Japão.

Sayad poderá ter sua condição de negociador brasileiro valorizada com uma esperada vitória da posição dos países em desenvolvimento e deverá, ainda, fazer uma pré-apresentação do programa de ajustamento econômico do Brasil, antecedendo o ministro da Fazenda, Dílson Funaro, que exporá os programas brasileiros ao FMI, no próximo dia 8 de abril.

Tanto o BID como o Bird aguardam o programa econômico brasileiro e ambas as instituições seguem uma linha primordialmente desenvolvimentista, o que é conveniente ao Brasil e poderá melhorar sua posição junto ao FMI. O pensamento monetarista prepondera no FMI e recomendaria para a atual situação, uma política restricionista e recessiva, com a qual não concordam as autoridades brasileiras, que sequer dispõem de condições políticas de retornar ao FMI e aceitar suas receitas.

Mesmo assim, segundo fontes econômicas do governo que forneceram essas informações, o Brasil terá que manter negociações com o Fundo, ainda que não se formalize um acordo ou uma das clássicas cartas de intenção do governo passado. De uma forma ou de outra, com maior ou menor intensidade, o FMI deverá ter acesso às contas brasileiras e aos seus programas econômicos na qualidade de um avalista confiável aos olhos dos bancos credores estrangeiros.